

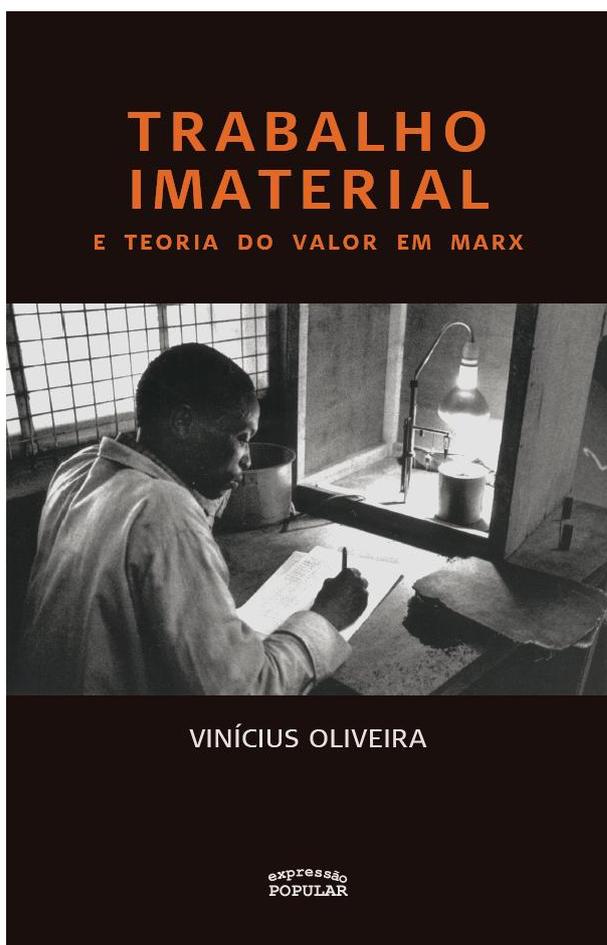
RESENHA

Trabalho imaterial e a teoria do valor em Marx

Lívia de Cássia Godoi MORAES¹

RESENHA/ BOOK REVIEW

SANTOS, Vinícius Oliveira. **Trabalho imaterial e a teoria do valor em Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 167 p.



1 Cientista Social, doutora em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, Brasil) e pós-doutoranda em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, Brasil), bolsista PNPd/CAPES. E-mail: <liviamoraes@outlook.com>.

Trabalho é uma categoria central para os estudiosos da sociedade sob o modo de produção capitalista, os quais tomam por alicerce as obras e o método de Karl Marx. Entretanto, desde a década de 1970, com advento da reestruturação produtiva, juntamente com a acentuação da financeirização e implementação de políticas neoliberais, como formas de dar respostas à crise estrutural do capital e tentativa de retomada das taxas de lucro dos “Trinta Gloriosos”, certas mudanças no âmbito do trabalho fizeram com que alguns teóricos anunciassem o fim de tal centralidade.

A principal argumentação desses teóricos está pautada na constatação, a partir de dados oficiais, tais como os da ONU², do crescimento do chamado “setor de serviços”. O aumento de atividades que envolvem transporte, marketing, intermediação financeira, administração pública, atividades de limpeza, serviços médicos e de saúde, entretenimento, comércio, serviços pessoais etc. têm uma especificidade: a produção de resultados imateriais.

Tais constatações, verificadas com mais intensidade a partir da década de 1980, levaram a que teóricos, notadamente os pertencentes ao chamado operismo italiano, com especial des-

taque para Antonio Negri, afirmassem que a teoria do valor-trabalho, de Karl Marx, já não respondia às demandas de análise da dinâmica do trabalho imaterial e do ciclo da produção imaterial, sob a justificativa de que o arcabouço teórico marxiano era eminentemente fabril.

O desafio que Vinícius Oliveira Santos tomou para si, com enorme seriedade e aprofundamento, em sua pesquisa³, foi o de buscar, nas obras de Karl Marx, “elementos para um diagnóstico do trabalho tomado em sua categoria de imaterialidade e extrair indicações de uma noção marxiana de trabalho imaterial” (SANTOS, 2013, p. 14).

Desse modo, a explanação de Santos (2013) se volta especialmente para uma análise crítica das obras de três autores: Antonio Negri, André Gorz e Maurizio Lazzarato, chamados por ele de teóricos do trabalho imaterial.

De início, a exposição teórica marxiana já nega a separação estanque entre trabalho material e trabalho imaterial. Santos retoma a afirmação de Marx de que o trabalho material abarca, em diferentes níveis, excertos de trabalho imaterial, ao mesmo tempo em que no trabalho imaterial há fragmentos de trabalho material. Destarte, o que vai

² Santos (2013) apresenta dados do *Manual on statistics of international trade in services* (Organização das Nações Unidas, 2010), os quais afirmam que os serviços passaram a ser responsáveis por cerca de 60% dos investimentos produtivos globais no período de 2005 e 2007.

³ O livro resulta da sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob orientação do Professor Doutor Jesus Ranieri, com bolsa do CNPq.

determinar o uso das expressões trabalho material ou trabalho imaterial é preponderância da relação. Assim, no referido estudo, Santos chama de trabalho imaterial “[...] todo trabalho humano cujo resultado útil seja predominantemente imaterial, mesmo quando há a necessidade de mediação de objetos materiais para que este trabalho imaterial seja efetivado enquanto utilidade” (SANTOS, 2013, p. 15).

Assim, a hipótese geral de Santos, em sua pesquisa, que culminou nesse importante livro, é a de que há possibilidade de encontrar em Marx uma base teórica para a compreensão da dinâmica atual do capitalismo, incluídas as temáticas referentes ao trabalho imaterial.

Para o desenvolvimento de sua argumentação, Santos selecionou alguns temas relevantes que ficaram divididos em três capítulos: no primeiro, ele se debruça sobre a questão da quantificação do valor; no segundo, trata do exame da categoria de trabalho produtivo; e, no terceiro e último capítulo, avança para pontos da obra de Marx que contemplam o trabalho imaterial, mesmo que não mencionados diretamente.

No primeiro capítulo, Santos aponta para o que ele chama de pseudoproblema do quantitativismo na teoria do valor de Marx. Com isso, o estudioso alerta para o falso problema, ou um problema apontado por terceiros, à obra de Marx. Ele se refere ao fato de que mesmo ao considerar elementos

relacionados à quantidade, Marx não pressupõe a quantificação empírica como critério de existência do valor.

Os teóricos do trabalho imaterial defendem que o valor permeia quantitativamente a produção material, o que não é possível verificar na produção imaterial. Santos (2013), em sua explanação, atenta para o fato de que Marx não trata valor como unidade de medida, mas valor como forma, em seu caráter social e histórico; não como quantum individual. As condições de produção capitalista remetem à produção social de valor para além da produção individual.

Santos (2013) chega à conclusão de que a teoria do trabalho imaterial não leva em consideração a diferenciação essencial entre valor (enquanto conteúdo da relação de determinada produção social) e valor de troca (enquanto manifestação do valor na esfera da troca). Valor, portanto, possui um aspecto qualitativo que é ignorado por aqueles que invalidam a obra de Marx para a explicação do trabalho imaterial.

O autor segue a argumentação abordando a categoria de trabalho produtivo, que, em sua interpretação, alcança três níveis de abstração na obra de Marx. Ao abordar cada um desses níveis, o estudioso avança na análise ontológica que alicerça a atualização da compreensão da dinâmica do trabalho imaterial hoje.

O primeiro nível é o do processo de trabalho sob a forma de simples pro-

dução de valor de uso, referindo-se às suas características universais, independentemente de suas formas históricas particulares, ou seja, o processo de trabalho para além do modo de produção capitalista, enquanto produtor de valores de uso, os quais suprem as necessidades humanas através do uso da reflexão, diferenciando-se das formas instintivas. Tal atividade de produzir utilidades é mediada pela consciência desde que homens e mulheres são efetivamente homens e mulheres. Tal constatação leva à conclusão de que a atividade de gestão intelectual, desde há milênios, não se dissocia do restante do processo laboral, de forma a unir trabalho intelectual e trabalho manual. Contém, assim, na forma germinal e simples o trabalho imaterial.

O segundo nível de abstração do trabalho produtivo aparece na análise do processo de trabalho na ordem do capital, ou seja, quando há generalização intensiva e extensiva da forma mercadoria, com a separação dos trabalhadores dos seus meios de produção. Nesse segundo nível, Marx leva em consideração o trabalhador individual e o trabalho concreto, quando afirma que só é produtivo o trabalho que valoriza diretamente o capital. Sob esta perspectiva, não importa se resulta em bem material ou imaterial. Cabe a citação: “O fato de que este último [dono da escola] tenha investido seu capital numa fábrica de ensinar, em vez de numa fábrica de salsichas, não altera a relação” (MARX, 1988, p. 102 apud SANTOS, 2013, p. 86). Aqui, o conceito de produ-

tivo se estreita em relação ao nível anterior.

O exame de Marx sobre a sociedade capitalista leva, posteriormente, ao desenvolver a análise da subsunção real do trabalho ao capital, à constatação do surgimento de uma força produtiva socializada e complexificada, com inserção da ciência e tecnologia no processo produtivo e formas múltiplas de intensificação da exploração do trabalho. Ocorre, desse modo, uma ampliação do conceito de trabalho produtivo, dado que o agente real do processo não é o trabalhador isolado, mas o trabalhador coletivo: uma reunião de muitos trabalhadores sob o comando de um mesmo capital que se centralizou e concentrou. Assim, Santos consegue elencar mais elementos que se contrapõem à afirmação de insuficiência da obra de Marx em pensar o trabalho imaterial, na medida em que consegue encontrar argumentos na obra marxiana que não remetem o trabalho produtivo apenas à fisicidade de seu resultado.

Por fim, Santos rebate a visão de pós-modernização econômica, de constituição de uma sociedade pós-industrial, comandada pelo trabalho imaterial, via aumento de contingente no setor terciário (de serviços) em detrimento do setor secundário (fabril), trazendo à tona elementos apontados por Marx que indicam que o conceito de indústria é muito mais amplo que os limites restritos à fábrica.

O conceito de capital industrial dá a devida fundamentação teórica para

pensar a agroindústria e a indústria dos serviços na atualidade. Um dos pontos destacados por Marx é o dos transportes, e da necessidade da redução do tempo de rotação do capital em combinação com o desenvolvimento das forças produtivas e respectivo aumento da produtividade. Transportes e comunicação têm relação direta com a diminuição do tempo de circulação, sendo que os trabalhos presentes em tais ramos são majoritariamente imateriais. Ressalta, ainda, o papel que o trabalho improdutivo cumpre na reprodução do capital, e explica como trabalhos que envolvem conservação (supermercados, shopping centers etc.) aparecem na explanação de Marx como trabalhos produtivos. Com isso, Santos afirma que há compatibilidade entre produção imaterial e as tendências do capital, ao contrário do que afirma a teoria do trabalho imaterial.

Em suma, trata-se de um estudo de fôlego analítico sobre um tema extremamente controverso. “Trabalho imaterial e teoria do valor em Marx” é uma obra de enorme qualidade, cujos apontamentos podem alicerçar inúmeras pesquisas que pensam os trabalhadores e o trabalho na sociedade contemporânea. Uma leitura necessária ao público interessado, pela ousadia na temática, solidez na teoria e relevância na compreensão da realidade concreta do trabalho no século XXI.